## Volume II

## Sexta Parte – 4

## Buscando na Memória da Natureza os ambientes passados da nossa história

E aqui, deixe-me afirmar isto mais conscienciosamente, em parte, devido ao meu agudo senso de solenidade de tal apelo e da grave responsabilidade que assumo ao fazê-lo; porém, mais especialmente para impressionar você, ó leitor, com todo significado dessa declaração apocalíptica e de alguma forma mandatória (que pode assombrar seus sentidos mais refinados durante suas horas de auto comunhão introspectiva à meia-noite), fiz o meu melhor, muito melhor, para colocá-lo na fraseologia mais obscura e ininteligível que eu poderia inventar. Se eu não consegui fazer isso, se eu, intencionalmente, não deixei qualquer parte do que falei devidamente esclarecido, se alguma vez me desviei por engano para que pudesse parecer bom senso – mero bom senso – é culpa do meu meio francês e da educação totalmente imperfeita. Sou apenas um pobre escritor!

Assim, praticamente tentei dar conta disso, que é a mais importante de nossas descobertas conjuntas que nos foi revelado por acaso neste estranho mundo novo. Mais de vinte anos de nossas vidas juntos têm sido devotados ao seguinte, a partir dessa pequena passagem – com que resultados surpreendentes, creio eu, serão vistos em volumes subsequentes.

Não tivemos tempo de tentar desvendar nossa ancestralidade inglesa também – os Crays e os Desmonds, os Ibbetsons e os Biddulphs etc. – o que nos conecta com a história passada da Inglaterra. Quanto mais longe voltávamos para a França, mais fascinante se tornava, e mais fácil – e mais difícil de partir de volta.

Que experiência incomparável tem sido a nossa! E pensar que vimos – realmente vimos, com os nossos próprios olhos – o próprio Napoleão Bonaparte, o árbitro do mundo, no auge de seu orgulho e poder; com seu chapeuzinho de aba levantado e o sobretudo cinza trespassado, montado em seu cavalo branco, com todos os cajados ao seu redor, assim como tantas vezes o pintaram! Certamente a pequena figura mais impressionante, inesquecível, indescritível de toda a história moderna, e adornado com o figurino mais

astuto de todos os tempos, criado para chamar a atenção e assombrar a memória das pessoas por séculos e séculos que ainda está por vir!

É particularmente nova, uma sensação picante e um olhar pessoalmente excitante, e como no presente e em realidades passadas, ser capaz de prever o passado e lembrar o futuro em um só lugar!

E pensar que já o vimos antes de ser o primeiro cônsul – magro e pálido, seu cabelo liso escorrendo pelo pescoço e as bochechas, se possível ainda mais impressionante, inocente como uma criança; e tudo isto estava diante dele! A Europa a seus pés – o trono – Waterloo-St. Helena – o Duque Inglês de Ferro – o pináculo se transformou em um pelourinho tão cedo!

"*Ó corso de cabelos lisos, que bela era a França ao sol de Messidor!*"

E Mirabeau e Robespierre, Danton e Marat e Charlotte Corday!, nós também os vimos; e Maria Antonieta e as mulheres que vendiam peixes, e "a bela cabeça de Lamballe" (em sua lança) ... e observamos as carroças passarem pela Praça do Carrossel, e contemplamos a guilhotina ao luar – silenciosa e aterrorizável, nossos próprios corações em nossas bocas….

E no meio de tudo isso, ridículas memórias perdidas de Madame Tussaud surgiriam roubando o nosso sonho horrível de sangue e vingança, misturando passado, presente e futuro de uma maneira que não poderia ser descrita, e nos fazendo sorrir por entre nossas lágrimas!

Depois, assistimos (várias vezes!) à tomada da Bastilha e, de fato, testemunhamos a maior parte das cenas tempestuosas desse tempo turbulento, com o nosso Carlyle nas mãos; e muitas vezes pensamos, e com muitas gargalhadas, como deve ser divertido escrever histórias imortais, sem nunca ter uma testemunha ocular para contradizê-lo!

E, retrocedendo, assombramos com Versalhes nos dias de seu esplendor e nos fartamos de todas as glórias da corte de Luís XIV!

Que cerimoniais imponentes, que estupendas funções reais deixamos de participar – onde toda a beleza, sagacidade e o cavalheirismo da França, prostrou-se com reverência

e temor (como na presença de um deus), fez uma homenagem leal ao maior monarca que este mundo já viu – enquanto estávamos sentados, nos próprios degraus de seu trono, enquanto ele solenemente deu seu comando real! e gargalhou tão alto sob seu próprio nariz – o pequeno esnobe superficial, bobo e pomposo – e desejou puxá-lo! e tentou desinfetar sua peruca gordurosa, perfumada com aroma de cebola, volumosa e com cheiros saudáveis de uma regalia do século XIX!

Nada daquele período tolo, mas fascinante, nos escapou. Cidade, aldeia, rio, floresta e campo; palácio real, castelo ostentoso e cabana de camponeses famintos; púlpito, palco e salão; porto, acampamento e mercado; tribunal e universidade; fábrica, loja, estúdio, ferraria; taberna e jogo – inferno e covil de ladrões; convento e prisão, câmara de tortura e forca, e o que não é tudo!

E a cada passo sucessivo, nossas almas dos últimos dias antes desanimadas, ansiosas e sobrecarregadas encheram-se de alegria, orgulho e esperança nos triunfos de nossos dias ao longo de todo caminho! Sim, embora tenhamos ouvido o ilustre Bossuet pregar e aplaudir Molière em uma de suas próprias peças, e contemplar e ouvir (e quase perdoar) Racine e Corneille, e Boileau e Fénélon, e o bom Lafontaine – aqueles cinco implacáveis perseguidores de nossa inocente infância francesa!

E ainda ascendendo a corrente do tempo, nos confraternizamos com Montaigne e Rabelais, e pessoalmente aborrecido por Malherbe, sentou-se aos pés de Ronsard, e montado ao lado de Froissart, e gastando tempo em lugares que eram piores do que os usuais com François Villon – em naqueles tipos de lugares onde tudo estava aglomerados e em condições diferentes e por isso encantados!…

François Villon! Pensem nisto, vocês, queridos bardos e poetas menores britânicos de hoje – vocês, aspirantes a tradutores e imitadores daquele lamento que nunca será traduzido e imitado, a imortal Balada das Senhoras dos Antigos Tempos!

E enquanto falo sobre isso, posso também mencionar que nós também as vimos, ou algumas delas – aquelas belas damas que jamais havia visto e que já havia derretido antes de sua chegada, como as neves do ano passado, as neves do passado! Bertha, com os pés grandes; Joana d'Arc, a boa Lorrainer (o que ela pensaria de sua província natal agora!); a muito erudita Héloise, por amor de quem um certo Peter Esbaillart, ou

Abélard (um Peter mais infeliz do que eu!), sofreu tais indignidades cruéis nas mãos dos monges; e aquela rainha arrogante e travessa, em sua Torre de Nesle,

“Quem mandou que Buridan fosse jogado em uma bolsa no Sena….”

Sim, nós os vimos fisicamente e os ouvimos falar e cantar, repreender e zombar, rir e chorar, e até mesmo orar! E eu os esbocei, como você verá algum dia, bom leitor! E deixe-me dizer-lhe que sua beleza não era de forma alguma enlouquecedora: o padrão de beleza feminina aumentou, até na França! Mesmo o sábio Helois dificilmente valia um sacrifício como – mas ali! Possua sua alma com paciência; tudo isso, e é quase infinito, aparecerá no tempo devido, com tais descrições e ilustrações conforme me gabo, que o mundo nunca negociou e valorizará como nunca valorizou nenhum registro histórico ainda!

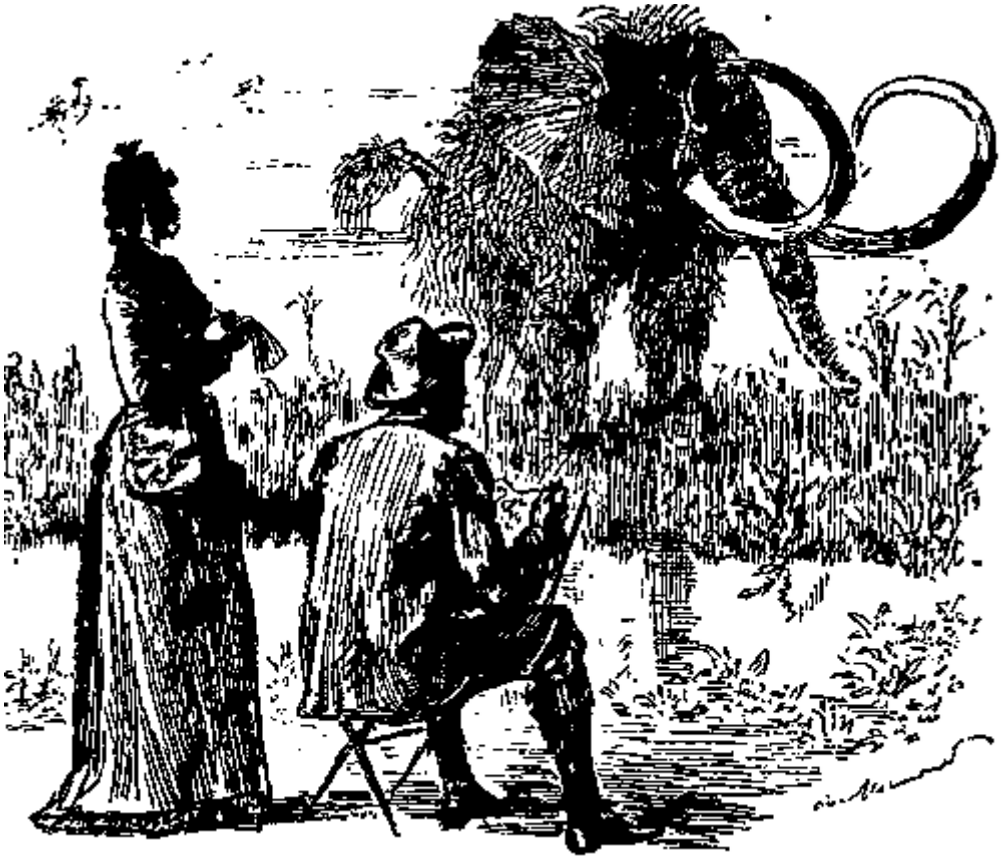
Dia após dia, por mais de vinte anos, Mary manteve um diário volumoso (em uma cifra que conhecemos); que agora é minha propriedade, e nele todos os detalhes de nossa longa jornada ao passado foram registrados.

Contemporaneamente, dia a dia (durante o lazer que me foi concedido pela gentileza do Governador——), redesenhei de memória os esboços de pessoas e lugares que pude fazer direto da natureza durante aquelas noites maravilhosas no “Magna sed Apta”. Posso garantir a correção delas e a fidelidade de suas semelhanças; sem dúvida, sua execução deixa muito a desejar.

Tanto a tarefa dela quanto a minha (para a futura publicação da qual esta autobiografia é apenas uma introdução) foram realizadas com o mínimo cuidado e conscienciosidade; nenhum tempo ou problema foi poupado. Por exemplo, só o Massacre de São Bartolomeu, que pudemos estudar de dezessete pontos de vista diferentes, nos custou nada menos do que dois meses de trabalho incessante.

À medida que avançávamos cada vez mais para trás no fluxo do tempo, a tarefa tornou-se de certa forma mais fácil; mas tivemos que generalizar mais, e muitas vezes, por falta de tempo e espaço, para usar formas em vez de indivíduos. Pois, a cada geração sucessiva, o número de nossos progenitores aumentava em progressão geométrica (como no problema dos cravos da ferradura) até que um limite de números fosse alcançado - a saber, a soma dos habitantes do globo terrestre. No século VII, não havia

uma pessoa morando na França (para não mencionar a Europa) que não estivesse na linha de nossa linhagem direta, exceto, é claro, aqueles que morreram sem descendência e eram meros colaterais.



*O Mamute*

Acabamos de ver, como em um vidro obscuramente, as sombras tênues do Mamute e do urso das cavernas, e do homem que os caçava, matava e os comia, para que pudesse viver e manter vivo.

O Mamute!

Nós caminhamos ao redor e debaixo dele, enquanto ele marchava, e mesmo através dele, onde se deitou e descansou, como alguém caminha através da névoa obscura em uma pequena depressão numa manhã tranquila e úmida; e, virando-se para olhar (na distância adequada), lá estava a forma inconfundível novamente, apenas espessa o suficiente para apagar as linhas da paisagem primitiva escura, além de fazer um buraco no céu vazio. Uma silhueta assustadora, emocionando nossos corações com admiração –

embaçada e confusa como uma fotografia composta – apenas a imagem, como tinha sido visto geralmente por todos aqueles anteriormente a viram, cada um dos quais (exceto excipientes) era necessariamente um ancestral nosso e de cada pessoa que vive atualmente.

Lá estava ele em pé ou reclinado, o monstro, como o fantasma de um elefante peludo crescido demais; quase podíamos ver, ou imaginar que víamos, a expressão de seu olhar opaco, frio e antediluviano – quase percebemos uma sugestão de marrom-avermelhado em sua pele grossa e resistente.

Mary acreditava firmemente que deveríamos ter chegado a tempo ao nosso ancestral cabeludo com orelhas pontudas e cauda, e ser capaz de determinar se ele era arbóreo em seus hábitos ou não. Com que interesse apaixonado ela o teria seguido, estudado e descrito! E eu! Com que alegria ansiosa e, no entanto, com que reverência filial, eu teria esboçado sua semelhança – com que fidelidade conscienciosa, tanto quanto meus pobres poderes permitiriam! (Pelo que sabemos ao contrário, ele pode ter sido o animalzinho mais atraente e cativante que já existiu, e muito menos humilhante de se ter do que muitos brutamontes intitulados dos dias atuais).

O destino, infelizmente, quis que fosse diferente, e sobre os outros, devidamente treinados, deve incumbir a deliciosa tarefa de seguir a pista que tivemos a sorte de descobrir.

* * * * *